

Bruxaria e Demonologia na Inquisição de Lima

Dra Ana Raquel PORTUGAL
Professora do Departamento de História da UNESP-Franca (BRASIL)
Área: História da América

A alteridade vivida por espanhóis e nativos americanos percebe-se no processo de evangelização levado a cabo pelos primeiros no novo mundo. Os cronistas ao descreverem esse processo demonstraram que os conquistadores espanhóis não se satisfizeram com a riqueza encontrada nessas terras, eles queriam mais, queriam usufruir a mão-de-obra dos povos nativos e queriam ocidentalizar a América. Afinal, a tendência de todos os que lidam com o novo é de buscar familiaridades, por isso, esses espanhóis que aportaram em terras americanas trouxeram seus medos, mistérios, credências e, sobretudo, sua sede de reconquista. Um povo que passou séculos perseguindo mouros e depois judeus, ao chegar a estas terras passou a perseguir os povos nativos, pois estes eram diferentes e pouco compreensíveis aos olhos europeus.

Na Espanha do século XVI havia uma preocupação muito grande em resolver o problema dos judeus conversos e, por isso, se dedicavam a perseguir e punir os delitos dos judaizantes. Por sua vez, a perseguição à bruxaria não foi significativa e houve poucos registros de execuções em relação ao resto da Europa. Isso, talvez se deva ao fato de a Península Ibérica se viu pouco afetada pelo discurso demonológico que grassava por todo o continente europeu. Porém, quando os espanhóis chegaram à América passaram a perseguir tudo aquilo que temiam ou não compreendiam. O diabo e a bruxa atravessaram o oceano e se refugiaram no Novo Mundo e cabia aos espanhóis expulsá-los. A partir daí, os cronistas espanhóis passaram a descrever as religiões indígenas como cultos ao demônio. Conseqüentemente, durante o século XVI começam no Peru as campanhas de extirpação de idolatrias, que tinham por objetivo terminar com toda a espécie de ídolos e rituais, considerados por eles, heréticos.

O mundo andino não conhecia a noção do mal encarnado em uma figura satânica, e sim, uma visão dialética em que o bem e o mal são complementares. Percebe-se que houve uma alteração desses conceitos, quando, por exemplo, os *hapiñunos*, que seriam fantasmas ou duendes, são posteriormente representados como forças diabólicas derrotadas por Santo Tomás, conforme os relatos de Pachacuti Yamqui¹, um indígena evangelizado.

Os cronistas espanhóis, ao associarem a religião indígena a cultos demoníacos, fizeram com que na instalação da extirpação de idolatrias, as mulheres fossem particularmente perseguidas e acusadas de praticarem feitiçaria, como haviam sido pela Inquisição européia. Os ditos feiticeiros, homens ou mulheres, eram vistos pelos espanhóis como perniciosos à colonização, pois ao revitalizarem antigas crenças, incitavam a resistência ao sistema colonial.

Tais relatos originam-se da confluência de discursos representativos de culturas distintas. A utensilagem mental² do espanhol, só lhe permitia reproduzir aquilo que via de acordo com seus próprios traços culturais. O indígena que passou por esse processo de alteridade, não apagou de sua memória a própria cultura, apenas passou a filtrá-la de acordo com os modelos europeus. Ao analisarmos documentos do século XVI e XVII, que tratam a história andina desde o período da conquista até à época das campanhas de

¹ Joan de Santa Cruz Pachacuti Yamqui Salcamaygua, *Relacion de antiguedades deste reyno del Piru*, Cusco, IFEA/CBC, 1993, pag.188, [1613].

² Lucien Febvre, *Le problème de l'incroyance au 16e siècle; la religion de Rabelais*, Paris, Albin Michel, 1988, pag.328.

extirpações de idolatrias, estamos lidando com um conjunto de informações que são a representação desse mundo indígena, aos olhos de europeus, mestiços e autóctones impregnados de traços culturais espanhóis. Podemos considerar que os textos resultantes dessa confluência cultural representam uma nova realidade, que acabará por ser assimilada e sociabilizada.

Referências Bibliográficas

Joan de Santa Cruz Pachacuti Yamqui Salcamaygua, **Relacion de antiguedades deste reyno del Piru**, Cusco, IFEA/CBC, 1993.

Lucien Febvre, **Le problème de l'incroyance au 16e siècle**; la religion de Rabelais, Paris, Albin Michel, 1988.